

OS ESLAVOS NUM CLÁSSICO PORTUGUÊS DO SÉCULO XVII

(Considerações sôbre o que deles diz
Fr. Manoel dos Anjos na sua "História Universal")

A. G. Cunha

É de meados do século XVII a **História Universal** de Fr. Manoel dos Anjos (1), escrita a pedido de amigos, segundo informação do Autor (cf. Prólogo, pág. II). É, no gênero, talvez a primeira obra redigida em língua portuguesa, que relata, metódicamente, os principais factos históricos ocorridos na Europa, na Ásia e na África, expendendo, ainda, para cada país, separadamente, considerações de ordem geográfica, econômica, genealógica e filosófica, deveras interessantes.

A Obra é dividida em três Livros: o 1.º, relativo à Europa, subdivide-se em 38 capítulos; o 2.º, relativo à Ásia, reparte-se em 34 capítulos; o 3.º e último contém uma exposição sumária da história da África, distribuída em 9 capítulos sômente (2).

(1) Religioso franciscano da Ordem Terceira da Penitência, nascido no bispado da Guarda, batizado em 11 de fevereiro de 1595, e falecido no Colégio de Coimbra, em 19 de novembro de 1653.

A 1.ª edição da sua **Historia Universal, em que se descrevem os Imperios, Monarchias, Reynos, & Prouincias do mundo, com muitas cousas notaveis, que há nelle. Copiada de diversos Authores Chronistas approuados, & authenticos Geographos** foi publicada em Coimbra, em 1651.

Prova de que a Obra deve ter sido muito apreciada pelos contemporâneos de Fr. Manoel dos Anjos é o facto de, logo no ano seguinte, ter vindo à luz, ainda em vida do Autor, a 2.ª edição. Poucos anos decorridos do seu falecimento, surgiram, successivamente em 1702 e em 1735, as 3.ª e 4.ª edições, comprovando, assim, a justificada e merecida fama que havia obtido o seu ilustre Autor.

(2) Não há na Obra do erudito franciscano um capítulo especialmente dedicado à América. Referindo-se, contudo, às possessões portuguesas (Livro I, cap. III) e espanholas (Livro I, cap. VII) relata o Autor, succintamente, os principais acontecimentos históricos ocorridos no Novo Continente e discorre sôbre as suas riquezas naturais.

Na relação dos autores consultados foram incluídos, entre muitos nomes estrangeiros, os dos escritores portugueses Castanheira, Damião de Góis, Pe. Fernão Guerreiro, Pe. Francisco Álvares, Gaspar Barreiros, Fr. Gaspar da Cruz, o bispo D. Jerônimo Osório, João de Barros e alguns outros. Fr. Manoel dos Anjos, aliás, no prólogo da sua Obra, o qual merecia ser aqui inteiramente transcrito, alega que, ao narrar os acontecimentos mais importantes da História Universal, utilizou inúmeras relações de autores nacionais e estrangeiros. É digna de louvor a sinceridade, pouco vulgar nos escritores antigos, com que êle, a cada passo, menciona a fonte utilizada. A lista de autores citados é, para a época, vasta e bem selecionada.

Na elaboração dos capítulos concernentes às nações eslávicas, o Autor serviu-se, exclusivamente, de relações estrangeiras, certamente pela carência de tratados de autores nacionais.

Os capítulos XXIX, XXX e XXXI, do Livro I, tratam, respectivamente, do Reino de Boêmia, do Reino de Polônia e do Ducado e República de Moscóvia, ou Rússia Alva.

* * *

Ao iniciar o capítulo XXIX, o Autor discorre sobre a geografia da Boêmia (indica a longitude e a latitude, caracteriza o relevo do solo, refere os principais acidentes: rios, montes, lagos, etc.) e, adiante, passa a descrever as suas mais importantes riquezas naturais. A seguir, examina, rápida, mas eruditamente, os costumes mais característicos dos habitantes da Boêmia e alude aos factos capitais da sua história.

Fr. Manoel dos Anjos é um dos mais antigos escritores portugueses a se referir aos **taboritas (Thaboritas)**, qualificando-os de "sequazes do preuerso heresiarcha Ião de Hus" (3).

Termina o Autor o capítulo com uma relação das principais cidades deste reino, a sua formação histórica, e o poder do seu exército, o qual "pôde pôr em campo trinta mil homens de pé, & dez mil de cauallo".

(3) O português **taborita** e o inglês **Taborite** (de 1646) derivam imediatamente do alemão **Taboriten** (pl.), o qual, por sua vez, dimana, por substituição de sufixo, do cheque **taborjina** (< **tabor** "acampamento"). **Taborita** ocorre já na **Crônica de D. Duarte**, de Duarte Nunes de Leão († 1608). A 1.^a edição da **Chronica d'el-rei D. João de gloriosa memoria, o I. deste nome, e dos reis de Portugal o X, e as dos reis D. Duarte e D. Afonso V** foi publicada depois da morte do autor, em 1643.

No capítulo seguinte, Fr. Manoel dos Anjos trata do Reino de Polônia, baseando-se em Thuano (4) e, provavelmente, em outros autores não mencionados. Alude, inicialmente, à sua situação geográfica e, adiante, ao idioma falado neste reino; diz o historiador franciscano: “Alem das particulares de cada Prouincia vsão de huma lingoa géral, com que todas (as nações da Sarmácia européia) se communicão, chamada Slauiica ou Sclauonica, que se falla em dezanove naçoens, sem que em alguma se corrompa a formalidade della, sendo para todas como connatural, natiua, & propria” (5).

Depois de nomear, em rápida digressão, os acidentes geográficos e as principais riquezas naturais da Polônia, Fr. Manoel dos Anjos informa que neste país, além de zebras, onças e outros animais, existem, também: “boys syluestres, chamados Thuros, cujas carnes comem, & das peles se fazem diuersas coiramas” (6).

(4) Jacques Auguste de Thou (**Thuanus**, na forma latinizada), historiador e estadista francês, nascido em Paris, em 8 de outubro de 1553, e falecido em 7 de maio de 1617, autor da **Historiae sui temporis** (1604-1620).

(5) É muito interessante esta observação, feita em pleno século XVII, sobre a característica uniformidade dos idiomas eslavicos, quando comparados entre si.

Fr. Manoel dos Anjos é, talvez, o primeiro escritor português a empregar as grafias **slauica** e **sclauonica**. Em textos quinhentistas depararam-se-nos: **esclauona** (em 1565, no **Itinerário** de Mestre Afonso); **esclauom** e **sclavoens** (em 1566, na **Crônica de D. Manuel** de Damião de Góis); **esclauonesca**, com uma terminação que nos faz pensar numa interferência do italiano, ocorre, também, no referido **Itinerário** de Mestre Afonso. O topônimo **Escravonya** já se documenta em meados do século XV, na **Vida de Cesar**, cujo manuscrito foi parcialmente publicado, com notas de Rodrigues Lapa e J. B. Acquarone, no **Boletim de Filologia** de Lisboa. **Scllavonja** ocorre numa carta datada de 1 de fevereiro de 1500, escrita pelo Dr. Martim Lopes e dirigida ao rei D. Manuel I (cf. A. Baião, **Itinerários**, Coimbra, 1923, pág. VI). **Esclavonia** e **Sclavonia** já se documentam, com certa freqüência, no século XVI.

Nos textos portugueses os termos **esclavônico**, **esclavônio**, **eslavônico** e **eslavônio**, ora se referem aos habitantes da Esclavônia, — região da Europa meridional, próxima do mar Adriático, hoje uma das províncias da Iugoslávia — ora são sinônimos de eslávico, isto é, relativo aos eslavos em geral, como neste trecho da **História Universal**.

(6) É curioso que Fr. Manoel dos Anjos não tenha identificado os **Thuros** da Polônia com os nossos **touros**. Com efeito, quer do ponto de vista semântico, quer sob o aspecto morfológico, o vocábulo português **touro** (como os seus correspondentes nos outros idiomas românicos) é etimologicamente correlato do polaco **tur** (= cheque, russo, ucraniano, búlgaro **tur**) “touro”.

Em Cracóvia, então capital da Polônia, residiam, informa o Autor, “muitos Vaiuodas, que são Duques, & grandes senhores” (7).

Para o preparo do capítulo XXXI “Do Ducado, & Republica de Moscouia”, Fr. Manoel dos Anjos baseou-se, principalmente, nas obras de Clemente Adão Moscovita (8), João Fabro (9) e Antônio Wido (10).

(7) No **Panegírico do rei D. João III**, de João de Barros, escrito por volta de 1533, faz êste historiador referência ao termo **vaivoda**, empregando-o como cognome de João de Zápolya, vaivoda de Transilvânia. Diz êle (cf. ed. 1791, pág. 165): “Finalmente se nestes tempos d’agora João Vaivoda não chamara os Turcos, Ungria senão destruiu, e elle estivera mais honrado, do que está”. Com efeito, João de Zápolya (1487-1540), vaivoda de Transilvânia (nomeado por Ladislau II, em 1511), depois rei de Hungria (eleito em 10 de novembro de 1526), — a fim de se defender de Fernando I, que pretendia ocupar o trono da Hungria, — aliou-se ao sultão Solimão I, em 1528.

Foi Zápolya quem, em 1514, sufocou a rebelião dos camponeses húngaros, chefiados por Jorge Dózsa. Fr. Manoel dos Anjos, no capítulo XXXII, ao tratar do reino da Hungria, alude à maneira cruel com que Zápolya puniu os rebeldes. Diz êle: “estimulado o Conde João Vayvoda, ajuntando hum bom exercito venceu a George, & auendoo ás mãos executou nelle hum terrível, & horrendo genero de castigo. Porque primeiramente lhe mandou pôr na cabeça huma coroa de ferro tornado huma braza viva. Logo lhe fez abrir duas veas, & o sange, que sahio dellas, mandou beber a hum seu irmão chamado Lucas”; e, adiante, continua o nosso historiador narrando outros bárbaros processos de tortura que foram applicados ao chefe da rebelião.

(8) Trata-se de Clement Adams, professor e escritor inglês (1519-1587), que redigiu a narrativa que lhe ditou Richard Chancellor, da viagem à Rússia por êste realizada em 1553. Esta relação foi publicada por Hakluyt, em 1589, e constitui a mais antiga notícia, escrita em inglês, acerca dos russos e do seu país. O epíteto **Moscovita** que Fr. Manoel dos Anjos atribui a Clement Adams deve relacionar-se, provavelmente, com o facto de o escritor inglês haver tratado de um assunto pertinente à Rússia. É possível, também, que na edição consultada pelo historiador português já ocorresse o referido cognome.

Sobre a viagem de Richard Chancellor à Rússia já se referira um seu contemporâneo, o escritor português Antônio Galvão (1490?-1557), no seu **Tratado dos Descobrimientos**, publicado depois de sua morte, em 1563. Como observa o Visconde da Lagoa (cf. A. Galvão, **Tratado dos Descobrimientos**, 3.ª edição (diplomática) anotada pelo Visconde da Lagoa, Porto, 1944, págs. 280-281), em nota, Galvão ou o seu copista estropiou os nomes dos ingleses Sir Hugh Willoughby e Richard Chancellor, respectivamente capitão-mor e piloto-mor, em Richarte Trebuli e Geueloux.

(9) Refere-se Fr. Manoel dos Anjos ao alemão Johann Faber (1478-1541), que escrevera contra os adeptos da Reforma? Em abono desta hipótese, pode referir-se o facto de Fr. Manoel dos Anjos — por ser religioso e zeloso dos princípios da Igreja de Roma — ter todo o interesse de se utilizar de fontes fidedignas a fim de autorizar as suas afirmativas, especialmente em matéria de religião. Observe-se que êle cita João Fabro, precisamente ao aludir à religião dos russos, os quais, diz êle: “Seguem em tudo a Fé, & ritos da Igreja Grega (como refere João Fabro). Não admitem imagens de vulto, mas de pincel, a que tem suma veneração, & respeito”.

(10) Parece tratar-se do cartógrafo, gravador e pintor alemão Anton Wied († 1558), que gravara o primeiro mapa da Rússia, em 1542.

Dando início ao capítulo, o Autor descreve a Moscóvia, ou Rússia Alva, indicando os seus limites, a sua grande extensão territorial e os seus principais acidentes geográficos, como procedera nos capítulos anteriores.

A seguir, diz que a Moscóvia se divide em dezassete Regiões e Províncias e em quinze Ducados. Indica a língua dos seus habitantes, observando: “Nella (Moscóvia) se falla a lingoa Esclauonica, mas tam confusa por razão das naçoens estrangeiras, que mal se entendem huns aos outros os Esclavões, e Moscouitas, que por outro nome se chamão Ruthenos” (11).

Transcreve, adiante, o Padre-Nosso, em russo, copiando-o da **Táboa Corográfica** de Antônio Wido. Referindo-se ao alfabeto esclavônico, observa a semelhança dos seus caracteres com os gregos (12). Afirma, a seguir, que as Províncias em que se divide o Ducado se denominam **Ordas** (13).

Descrevendo o Crémelim, sem nomeá-lo, diz o Autor que em Moscóvia, capital do Império, há uma fortaleza bem edificada e formosa, cujas paredes têm dezoito pés de largura; nela reside o “grão Duque (a quem os vassallos chamão Czar, que quer dizer Emperador)” (14). Mais adiante assevera que, apesar de não ha-

(11) Tem muito cabimento a observação do erudito franciscano; com efeito, o russo (idioma eslávico do grupo oriental) distingue-se bastante da língua dos **esclavões**, tomando-se aqui este termo na acepção de **eslavo do sul**, cujos modernos representantes são o esloveno, o servo-croata, o búlgaro e o macedônio. Veja-se, a propósito desta identificação semântica, a nota 5.

(12) A semelhança entre os caracteres do alfabeto eslávico (a escrita vulgarmente denominada cirílica) e os gregos (dos quais êles se derivam, em grande parte) é realmente muito acentuada. Cremos, todavia, que, em português, foi este Autor o primeiro a fazer esta observação.

(13) “As Prouincias, em que está diuidido o Ducado, se chamão Ordas, que significa naçoens”. Fr. Manoel dos Anjos emprega aqui o vocábulo numa acepção específica, pois o seu significado moderno é “tribo nômade; **extensivamente**, bando indisciplinado, caterva”. Em face deste abono, talvez se deva admitir como provável uma interferência (direta.?) do russo **ordá** na formação do vocábulo português. Observe-se que, quer em português, quer nos outros idiomas românicos (com excepção do italiano) e nas línguas germânicas, a palavra é escrita com **h-** inicial, o qual, aliás, segundo o OED, s. v. **Horde**, indica influência da grafia polaca.

É bastante sugestivo que o Autor, ao se referir às **hordas** tártaras, escreve o vocábulo com **h-** inicial; cf. Livro II, cap. VIII.

(14) Parece ser a **História Universal** o texto português mais antigo a registar a grafia **czar**, a qual se nos depara com muita frequência nos escritores dos séculos posteriores. É bem sugestiva a maneira pela qual, no cap. VIII do Livro II, Fr. Manoel dos Anjos alude ao título dos reis da Tartária: “O título dos Reys da Tartaria he Han, que significa dono, & senhor. Os Italianos, e Alemães lhe chamão Cham, & os Polacos Zar, ou Cesar”.

ver peste na Rússia, há, contudo, uma febre aguda, que chamam **Ognyo** (15).

É Fr. Manoel dos Anjos o primeiro escritor português, que conhecemos, a se referir aos **samoiedos (Zamogeds)** (16).

Aludindo aos pescados que se encontram no oceano Ártico, diz o Autor: “No Oceano circunvizinho ha pescados de diuersas castas, como tambem cauallos marinhos, & hum animal, a quem os Moscouitas chamão Mors. Este dà horrendos, & espantosos brámidos, viuendo huns tempos no mar, & outros na terra. Tem dentes de increiuel grandeza, & pegando com elles nas penhas sobe pelos altos montes, donde decendo á campina, traga, & deuora tudo o que acha”. (17).

Facto curioso e que indica que o Autor escrevera a sua Obra muito antes de publicá-la, ou que então se servira de fontes antigas para a sua elaboração, é assegurar que o Imperador da Rússia era Basílio de João (Vasilii Ivanoviche, cujo reinado decorreu entre os anos de 1606 e 1613), quando, na data da publicação da

(15) “Não se tem visto aqui peste, mas de ordinário huma febre aguda a que chamão Ognyo, de que morrem muitos”. Não nos foi fácil identificar o vocábulo, pois nas edições posteriores da História Universal éle foi adulterado, talvez por mero lapso tipográfico, em **Oguyio** (na edição de 1702) e depois em **Oguio** (na edição de 1735).

O russo **ogón'** (genitivo **ognia**) traduz-se por **fogo**. Numa acepção extensiva, porém, o vocábulo ocorre em russo designando, também, o estado febril; assim, por exemplo, a frase **on vec' v ogne**, traduz-se em português por “êle está com febre”, “êle está queimando em febre”.

(16) “Não longe daqui (dos montes Hiperbóreos) habitão outros, a quem os Moscouitas chamão Zamogeds (que quer dizer, os que se comem huns aos outros) os quais nunca vem a Moscouia, & sempre andão fugindo de todo o commercio humano”. A grafia **zamoged** é estranha e de difícil explicação, em face do étimo, o russo **samoed** (a. russ. **samoéd'**, pronunciado **samoíéd**). O **z**-inicial indica, sem dúvida, uma interferência estrangeira, enquanto a transcrição do ê do antigo russo por **ge** talvez se possa explicar através de uma forma intermediária hipotética ***zamojed**, com **j**. Note-se que, aceita esta hipótese, o **j** representaria a semi-consoante alemã, o que nos induziria a admitir a interferência dêste idioma na formação do vocábulo português.

(17) Qualquer que seja o étimo imediato do português **morsa**, esta referência explícita de Fr. Manoel dos Anjos leva-nos a admitir a interferência do russo **morj** (genitivo **morja**) na sua formação. Os dicionaristas estrangeiros vacilam na determinação do étimo do francês **morse** (do qual talvez proceda o português **morsa**), do inglês **morse**, etc., atribuindo-lhes, ora o lapão **morsa** (correlato do finlandês **mursu**), ora o russo **morj**. Segundo os dicionários etimológicos russos, o russo **morj** dimana do finlandês **mursu** (apud Preobrajenskii 1.557) ou do lapão **morsa**, **morssa** (apud Vasmer II.158).

sua **História Universal**, o tçar era Alexis Micaieloviche, que reinou de 1645 a 1676.

Referindo-se à maneira de guerrear dos russos, menciona Fr. Manoel dos Anjos um costume freqüente na Rússia: ao partirem para a guerra, os soldados moscovitas entregavam ao Duque (o tçar) uma moeda chamada **denga** (18) e, ao retornarem dos campos de batalha, reclamavam-na ao tçar; desta maneira, pelo número de moedas que ficava em poder do tçar, podia avaliar-se o número de óbitos.

A seguir, Fr. Manoel dos Anjos indica outro hábito freqüente na Rússia: “Antes de entrarem na batalha bebem (os soldados) agoa ardente (vodca ?), com que muito se confortão; & animão”.

Remata o capítulo o seguinte juízo, muito pouco lisongeiro para os moscovitas: “Porem são cobardes, pusillanimes, & de poucos brios”.

* * *

As referências que o Autor faz à Bulgária, à Sérvia, à Croácia, à Bósnia e à Eslovênia, que então faziam parte do Império Otomano, vêm no Livro II, dedicado à Ásia, e são de somenos importância. Discorrendo, no capítulo III “Das regioens que o Turco possue na Europa”, a respeito destas possessões, diz Fr. Manoel dos Anjos que estas regiões eram muito aprazíveis, de bom clima e de terras muito férteis e bem cultivadas, não pelos turcos que nada cultivam, frisa êle, mas sim pelos seus moradores. A seguir, o erudito franciscano refere as principais características geográficas destas regiões, indica as diversas religiões lá professadas, os costumes dos seus habitantes e as suas riquezas naturais.

* * *

Do resumo que fizemos das principais características da **História Universal** de Fr. Manoel dos Anjos, no tocante às nações eslavicas, bem se vê a importância que lhe atribuímos. Ela constitui um documento bastante expressivo do estado de conhecimentos dos portugueses seiscentistas a respeito dos eslavos, e é,

(18) É esta a primeira e única abonação, que conhecemos, do vocábulo em português. O port. **denga** deriva (diretamente ?) do russo **dén'gá** “moeda de cobre” (pl. **dén'gi**). O russo **dén'gá** procede do altaico **apud** Vasmer I. 339-340; cf. Berneker I. 183-184, Preobrajenskii I. 179.

sem dúvida, a mais importante desse século para o estudo da influência eslávica no vocabulário português.

Mesmo que se diga que Fr. Manoel dos Anjos não foi original nas observações que fez aos costumes dos eslavos, por haver êle se baseado em autores estrangeiros, não se pode negar, no entanto, a sua extraordinária capacidade de síntese, tão necessária ao bom historiógrafo. A seleção do acêrvo documental, vasto e informe, a que procedeu, apresentando aos leitores seus contemporâneos uma obra original (insistimos no qualificativo, porque o julgamos próprio), metódica, bem documentada, deveria merecer, como de facto succedeu, todo o aprêço da sua geração. Se muitas vezes êle deu guarida na sua **História** a factos puramente lendários e a explicações absurdas de fenômenos da natureza, deve levar-se em conta que no seu século a ciência estava ainda numa fase bastante atrasada. Na época, as superstições populares eram acatadas até mesmo pelos sábios, os quais, nas suas obras, a elas se referiam como factos verídicos e procuravam explicá-las por processos científicos.

A **História Universal** de Fr. Manoel dos Anjos merecia um estudo mais circunstanciado; contentámo-nos, porém, em examinar, succintamente, apenas os capítulos que diziam respeito, diretamente, aos eslavos (19).

Rio de Janeiro, outubro de 1954

(19) Julgamos preferível, neste artigo, ao tratarmos dos vocábulos portugueses de procedência eslávica que se nos depararam na **História Universal** de Fr. Manoel dos Anjos, examinar detidamente o aspecto histórico da influência eslávica no nosso idioma, relegando para um plano secundário o estudo da etimologia dos sobreditos vocábulos. Só acidentalmente desenvolvemos, para um ou outro termo, algumas considerações de ordem etimológica. Assim procedemos a fim de evitar digressões por demais extensas, tendo em vista que no nosso trabalho "Influências eslávicas na língua portuguesa", cuja Introdução foi publicada nos volumes VI e VII da Revista da Academia Fluminense de Letras, trataremos, com minúcia, na parte relativa ao Dicionário de eslavismos portugueses, cujos primeiros verbetes serão publicados brevemente no volume VIII da referida Revista, da história e da etimologia das palavras portuguesas de proveniência eslávica.

Como referimos no final da 2.^a parte da Introdução àquele nosso trabalho, na impossibilidade de preparar um estudo sobre os fenômenos sociais, políticos, econômicos, etc., que contribuíram para a introdução de numerosas palavras eslávicas na língua portuguesa, estudo este que viria constituir a 3.^a parte da Introdução, deixaríamos para outra oportunidade a sua publicação.

Vimos hoje cumprir, em parte, a nossa promessa, publicando êste artigo, o qual, em se apresentando circunstâncias favoráveis, será seguido de outros, em que examinaremos novos aspectos da influência das línguas eslávicas no vocabulário português.